
SENSIBILIDADE COMO FERRAMENTA

ACADÊMICA: A EXPERIÊNCIA

DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO

TUTORIAL VILA BOA*

LÍVIA BARBOSA**, MARIA MEIRE DE CARVALHO***,
PAULO DANTE NETO****, LAÍS GONÇALVES VITORINO*****

Resumo: o Programa de Educação Tutorial da Universidade Federal de Goiás da Regional Goiás, da Cidade de Goiás (PET Vila Boa) surge em uma perspectiva crítica, com uma proposta de resistência à prática científica tradicional por meio da incorporação de novas ferramentas acadêmicas em suas atividades de pesquisa e extensão. A crítica pós-moderna e os debates sobre gênero fundamentam as discussões e servem como base para a construção coletiva do exercício da sensibilidade. Esse artigo revisa a ideia da sensibilidade como uma ferramenta acadêmica fundamental para a promoção de uma prática científica mais próxima das necessidades humanas e da complexidade das demandas sociais.

Palavras-chave: Sensibilidade. Estudos de gênero. Crítica pós-moderna. Programa de Educação Tutorial.

A virada dos estudos culturais e a crítica pós-moderna possibilitaram mudanças na prática científica que implicaram a revisão dos valores iluministas e a construção de uma modernidade menos pretensiosa e menos distante das práticas e limitações tipicamente humanas. Após o surgimento da pós-modernidade é impossível conceber a prática científica moderna dentro de um marco iluminista genuíno, onde o

* Recebido em: 07.02.2016. Aprovado em: 27.03.2016.

** Professora no curso de Serviço Social da Universidade de Brasília. Pesquisadora da Anis - Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero. E-mail: liviabp@yahoo.com.br.

*** Professora no curso de Serviço Social, Regional Goiás da Universidade Federal de Goiás. Atualmente está na direção da Regional Goiás da UFG. Coordenadora do G-Sex (Grupo de Estudos, Pesquisa, Extensão em Gênero, Diretos e Sexualidade). E-mail: meire.ufg.goias@gmail.com.

**** Mestrando em Direito pela Universidade de Brasília. Graduado em Direito pela Universidade Federal de Goiás. Ex-petiano do PET Vila Boa. E-mail: paulimdante@gmail.com.

***** Graduada em Direito pela Universidade Federal de Goiás. Agente prisional pela Secretaria de Segurança Pública do Estado de Goiás. Ex-petiana do PET Vila Boa. E-mail: lais_vitorine@hotmail.com

acesso objetivo à verdade está disponível, e onde a realidade pode ser decodificada em afirmações científicas.

A crítica pós-moderna possibilitou, em última instância, um fortalecimento da ciência, que passou a ter mais domínio dos seus limites e possibilidades, fazendo afirmações mais conscientes de seu caráter conjectural e arbitrário. A pesquisa científica ainda é amplamente fundamentada em valores iluministas, como objetividade e racionalidade, e na figura do cientista como o observador neutro do real. A partir da crítica pós-moderna, no entanto, objetividade, racionalidade e neutralidade são antes horizontes para o pesquisador do que discursos sobre a verdade ou sobre o lugar do cientista no mundo (RICHARDSON, 1999; TRIVIÑOS, 1995).

No entanto, reconhecer o incremento que a pós-modernidade possibilitou à prática científica não significa isentar os pesquisadores do exercício cotidiano da dúvida. Tampouco os liberta da necessidade de manutenção da crítica como ferramenta importante na construção do conhecimento. A ciência é um campo onde discursos e saberes estão em constante disputa e o resultado pode ser antes a luta por poder do que o compromisso ético com boas respostas aos problemas sociais. O campo científico é o lugar de uma luta concorrencial onde a demonstração de competência científica é condição de possibilidade para a aceitação pelos pares (BOURDIEU, 1983). Nesse espaço, há pouca ou nenhuma abertura para grandes inovações e propostas que contestem a autoridade científica em seus pilares fundamentais.

Como espaço de disputa e como um saber social que concorre com outros, a ciência tem sido resistente à incorporação de novos valores e novas posturas, o que devolve à prática científica o seu caráter limitado e insuficiente enquanto saber socialmente construído. Se no âmbito epistemológico há um consenso sobre o estatuto arbitrário e conjectural das afirmações científicas, no âmbito político e social há verdadeiras formas de resistência a mudanças e a incorporação de novos valores na prática científica. Permanece desafiadora a operacionalização da noção de ciência como um mero discurso sobre o real, bem como continua distante o reconhecimento sociológico de suas limitações.

A constatação epistemológica dos limites da ciência nem sempre encontrou correspondente político no estabelecimento das relações entre cientistas e sociedade. Isso fomentou a crítica pós-moderna e o surgimento de grupos de resistência à ciência tradicional nos últimos anos. Tais grupos vão desde a luta pela destituição do poder da ciência enquanto discurso oficial das sociedades ocidentais a grupos menos radicais, que se posicionam no sentido insistir em uma ciência aberta a novas possibilidades de verdade e que dialogue mais intimamente com a complexidade do real e com as demandas sociais. As discussões desse último grupo fomentaram amplamente a criação do Programa de Educação Tutorial da Universidade Federal de Goiás na Cidade de Goiás.

Criado em 2010, o PET- Regional Goiás foi constituído a partir de uma proposta interdisciplinar que abarca os quatro cursos da Unidade Acadêmica Especial de Ciências Sociais Aplicadas: direito, administração, arquitetura e serviço social. Atualmente, o PET é composto por doze bolsistas remunerados e seis voluntários, além do professor tutor e professores pesquisadores colaboradores. O Programa se pauta na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na perspectiva de formar bolsistas que consigam construir coletivamente os projetos a serem desenvolvidos. As discussões são pautadas, ainda, no debate sobre a crítica à modernidade tendo como base autores modernos e pós-modernos, além do debate sobre gênero e sexualidade. É no encontro desses debates que a sensibilidade é explorada como um

valor central no contraponto à ciência tradicional. Dentre as atividades do PET Vila Boa está o estudo de teorias e literatura, a realização de saraus, exibição e discussão de vídeos, retiro filosófico, dentre outras.

Dessa maneira, o PET surge em uma perspectiva crítica, com uma proposta de resistência à prática científica tradicional por meio da incorporação de novas ferramentas acadêmicas em suas atividades cotidianas. Conceitos como complexidade, subjetividade, sensibilidade, dentre outros, passam a ser entendidos como indispensáveis a uma prática científica menos idealizada e mais próxima das possibilidades humanas de descoberta e produção de conhecimento. Tais noções não surgem apenas para contrapor os valores iluministas, mas emergem como valores indissociáveis da existência socialmente construída e devem, portanto, estar presentes em todas as esferas da vida que se pretendam socialmente úteis.

Cada um desses e de outros valores merece uma reflexão detida e debates conjuntos sobre os desafios que implicam e suas possibilidades de operacionalização. Esse artigo revisa a sensibilidade como uma ferramenta acadêmica que favorece a transcendência às limitações atuais da ciência, bem como a recusa a posturas monolíticas, fomentando a abertura constante a novas possibilidades de verdades (RORTY, 1994).

CIÊNCIA, FEMINISMOS E SENSIBILIDADE

A sensibilidade é um valor apenas recentemente incorporado em práticas científicas e filosóficas. Foi apenas a partir da crítica e da postura de resistência deliberada à ciência tradicional que essa incorporação foi inicialmente possível (MILLER & TREITEL, 1991). A clareza dos limites da ciência para responder questões sobre desigualdade e justiça foi fundamental para o posicionamento político de busca a mecanismos alternativos de produção de conhecimento e de estabelecimento da relação entre ciência e sociedade.

Foram as pesquisadoras sociais feministas que inicialmente identificaram a sensibilidade como um valor central para a pesquisa de campo. A coleta dos dados era um momento de interação entre a pesquisadora e a participante da pesquisa no qual vários elementos estariam em jogo, elementos cujo controle transcendia as habilidades da pesquisadora (REINHARZ, 1992). Ignorar, por exemplo, que as características sociais das pesquisadoras não seriam um elemento importante na interação com as participantes, seria ignorar um elemento da complexidade fundamental para a compreensão dos resultados da pesquisa. Uma pesquisadora branca de classe média entre participantes negras e pobres possibilitaria a construção de uma interação específica. Uma pesquisadora negra entre mulheres brancas de classe alta, possibilitaria outro tipo de interação.

Os estudos sociológicos e antropológicos feministas, assim, passaram a se vincular intimamente às características sociais e às habilidades das pesquisadoras. O relato metodológico passou a incorporar as relações interpessoais estabelecidas no campo (MILLER; TREITEL, 1991) e a sensibilidade ganhou uma centralidade fundamental como postura de pesquisa. A pesquisadora não era mais o sujeito neutro observando distanciadamente os acontecimentos do mundo. A pesquisadora seria uma participante daquele mundo, e deveria ser sensível a todas as reações e silêncios produzidos mediante sua presença.

E mais do que observadoras distantes e sem relação com o mundo da pesquisa, as feministas foram as primeiras a reconhecer a construção de relações afetivas com as participantes da pesquisa: afirmaram sua dor diante dos relatos de sofrimento, ressaltaram as lágrimas diante

de situações de opressão, colocaram-se pessoalmente na defesa de suas participantes em situações de humilhação e ofensa. A entrada no campo não se resumia a um interesse neutro de pesquisa: o campo era uma nova rede de relações construída pela pesquisadora e assim deveria ser tratado.

O exercício da sensibilidade como um valor central de pesquisa passou a dominar todas as etapas da produção feminista do conhecimento. Para além da coleta dos dados e da relação estabelecida entre as pesquisadoras e as participantes da pesquisa, a enunciação dos resultados também passou a ser compartilhada. Com o relatório pronto, as pesquisadoras voltavam ao campo para compartilhar os resultados com as participantes, garantindo a elas todo o poder de veto e de modificação que acaso desejassem fazer (DINIZ, 2008). Nesse gesto estava o reconhecimento concreto da arbitrariedade da produção científica e de que qualquer discurso produzido sobre a vida de outros não teria validade sem a participação efetiva desses sujeitos no discurso. Não era apenas a noção de neutralidade a ser desafiada, mas também a da objetividade.

A proposta dos estudos feministas e de gênero aponta para a análise crítica do discurso neutro que de forma velada aplica e classifica valores e ideologias que regulam e produzem as práticas sociais. A crítica à neutralidade científica empreendida pelas feministas demonstra que a ciência supostamente neutra foi construída desde seu início por homens. O debate é profundamente amplo e complexo e um dos pressupostos é identificar o gerador do discurso e quem o analisa, mas também é preciso destacar que os papéis atribuídos ao gênero e a sexualidade são construções socioculturais.

Gênero é um “elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p.14). E, como bem considera Foucault (2003), o poder se efetiva por constelações dispersas de relações desiguais, discursivamente constituídas em campos sociais de força. Os estudos de gênero, assim, denunciam que valores como neutralidade e objetividade da prática científica podem esconder os mecanismos de poder tanto na interação entre pesquisador e sujeito de pesquisa como na análise dos dados. Fazer ciência, assim, não deixa de ser um empreendimento político. A sensibilidade, segundo as feministas, pode ser uma ferramenta metodológica de aproximação com os dados justamente por buscar explicitar as relações de poder presentes.

A ciência deve ser vista como um processo, e não como um produto, já que ela é constituída/constituente de relações legitimadas de poder, levando-se em conta as condições de produção dos discursos científicos. Pauta-se pela pluralidade de vozes no conhecimento científico, descarta-se a monológica oposição sujeito/objeto, homem/mulher, razão/emoção e, para romper essas e outras dicotomias é necessário se pautar pela sensibilidade humana.

Ciência, feminismos e sensibilidade se convergem quando acredita-se que “há várias continuidades que caracterizam o feminino, desde a sua fundação até à atualidade e uma delas, talvez a principal, é a reflexão e a sua sensibilidade às contradições da modernidade” (AMÂNCIO; CARMO, 2004, p. 27-8). Tais diversidades de ideias e contradições fundamentam amplamente as discussões do grupo PET, pautando a crítica como desafio cotidiano, em especial pensar a sensibilidade como postura política para a transformação social.

A SENSIBILIDADE COMO FERRAMENTA ACADÊMICA

Dentro do PET, a sensibilidade exerce o papel fundamental de permear as reflexões e ações do grupo. É uma ferramenta que demanda o reconhecimento do outro enquanto su-

jeito e o reconhecimento de si mesmo enquanto indivíduo capaz de modificar o panorama no qual se encontra inserido. Para tanto, é necessário um movimento contínuo de respeito às particularidades e de aproximação entre os sujeitos para além da convivência social formal. O resultado é a construção de relações interpessoais que possibilitam o surgimento da ternura como reflexo da aproximação íntima com o outro. A valorização, a construção e a utilização da sensibilidade como ferramenta consolidam uma postura diante do mundo que contesta a separação moderna entre o público e o privado e agrega às perspectivas e análises acadêmicas aspectos humanos frequentemente ignorados na prática científica, tais como os sentimentos e a subjetividade.

O reconhecimento da sensibilidade como um elemento importante à constituição dos sujeitos permite reflexões mais profundas sobre questões socialmente relevantes (RESTREPO, 1998), uma vez que explicita a incorporação dessas reflexões íntimas e sensíveis aos macrodiscursos supostamente neutros já produzidos pela ciência tradicional. O exercício da sensibilidade agrega elementos diversos e complexos às análises produzidas, enriquecendo o debate e o horizonte das pesquisas e demais atividades do grupo PET. Essa postura não é automática e demanda esforços de leitura, estudos, discussões e entrega pessoal ao trabalho coletivo. Assim sendo, as principais barreiras para a concretização da sensibilidade como um valor a ser exercido no curso das atividades acadêmicas são as barreiras interpessoais, provenientes de uma aculturação fundamentada na noção moderna do ser humano racional, na desigualdade de gênero e na lógica mercadológica e concorrencial, que regem as relações sociais no capitalismo.

No que se refere à questão de gênero, há uma resistência masculina à discussão sobre sensibilidade, vez que esta corresponde a características socialmente atribuída a mulheres. O raciocínio que leva a essa resistência é simples: a imagem social criada para identificar o sujeito enquanto homem elenca a frieza e a racionalidade como valores fundamentais, em nome dos quais a ternura e a sensibilidade são reprimidas. O estranhamento experimentado por esse grupo transita entre a afirmação social da masculinidade e o fantasma da efeminação (RESTREPO, 1998).

A lógica mercadológica e o modelo consumista de sociedade no qual se inserem os sujeitos são outra barreira importante à incorporação da sensibilidade como um valor cotidiano fundamental. As sociedades capitalistas procuram suprimir a subjetividade dos indivíduos e alienar suas identidades, apropriando-se de seus corpos e despindo-os da sensibilidade. A ferramenta para isso é o próprio consumo, afinal, a consequência da lógica consumista é o desejo por consumir e por ser consumido. Seu não-consumo implicaria em dizer que são estes sujeitos refugo, dejetos que não foram absorvidos pela maquinaria social, e este é um dos maiores medos pós-modernos (BAUMAN, 2004). De forma a evitar esse destino, os sujeitos consentem o despojamento de sua sensibilidade, possibilitando a docilização dos seus corpos e sua adequação a padrões que implicarão no seu consumo por essa sociedade.

Essa lógica é reproduzida nas instâncias de aculturação e incorporada por toda a estrutura básica da sociedade. Famílias, escolas e demais ambientes coletivos produzem mecanismos de despojamento e docilização, favorecendo uma reprodução social fundamentada no consumo de determinados padrões corporais. Traçando-se toda a trajetória que segue um indivíduo dentro da educação nacional, pode-se observar uma clara tendência à diminuição da sensibilidade e repressão do pensar sensível conforme se avança nessa trajetória. Essa destruição da sensibilidade procura dar lugar a uma pretendida neutralidade desprovida de emoções (RESTREPO, 1998), de forma a facilitar o adestramento e a docilização dos corpos (FOUCAULT, 1975).

O espaço da academia é especialmente resistente no que diz respeito à aceitação da sensibilidade enquanto um fator constitutivo do sujeito que possa ser transposto para a prática científica. Porém, é importante ter o entendimento de que o reconhecimento da afetividade, nesse espaço, é fundamental. Falar em um grupo que tenha a sensibilidade enquanto um de seus pilares é referir-se a indivíduos que reconheçam a si mesmos e aos outros enquanto sujeitos, agregando elementos importantes para a aproximação com a complexidade do real e favorecendo uma interação mais rica e humana.

As práticas sensíveis não carecem de metodologia ou de seriedade: muito pelo contrário, elas aliam a estas ideias o afeto e a ternura necessários a qualquer ação ou reflexão que implique na interação entre sujeitos. A prática sensível possibilita uma interação de ideias muito maior dentro do próprio grupo, favorecendo o trabalho coletivo e intersubjetivo. A emoção assume, dessa forma, papel essencial nos processos de aprendizagem (RESTREPO, 1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo revisou a sensibilidade como ferramenta acadêmica fundamental para a construção de prática científica mais próxima do caráter humano e da complexidade do real. O exercício da sensibilidade agrega elementos importantes na interação intersubjetiva e na compreensão do mundo, favorecendo leituras e análises ricas e inovadoras, se comparadas com as possibilidades de análise realizadas na ciência tradicional.

A sensibilidade é um valor que emerge com os estudos culturais e de gênero, onde os valores tradicionais da ciência como neutralidade e objetividade são colocados em perspectiva e relativizados a partir do encontro e características dos atores sociais. O contato com os sujeitos de pesquisa, os métodos e técnicas e a análise dos dados respondem a um conjunto de relações e expectativas sobre o papel do outro que devem ser reconhecidos e explicitados ao longo da construção da ciência. A clareza das relações de poder tende a favorecer a produção de conhecimento uma vez que enfrenta de forma mais contundente os determinantes da pesquisa social.

No PET Vila Boa, a crítica pós-moderna e os estudos de gênero possibilitam a reafirmação e o exercício cotidiano da sensibilidade como uma ferramenta importante de resistência à ciência moderna idealizada. A aposta é a de que, por meio do esforço pela aproximação e consideração das particularidades e necessidades do outro sem qualquer perspectiva de neutralidade e objetividade, os petianos aprendem a ser sensíveis ao mundo em patamares mais profundos do que aqueles exercitados em ambientes tradicionais.

SENSITIVITY AS AN ACADEMIC TOOL

Abstract: the Tutorial Education Program of the University of Goiás (PET Vila Boa), arises in a critical perspective, with a proposal for resistance to traditional scientific practice through the incorporation of new tools in academic research and extension activities. The postmodern critique and the gender studies underlie the discussions and serve as a basis for the exercise of collective sensitivity. This article reviews the idea of sensitivity as an important academic tool for the promotion of a scientific practice closer to the complexity of human needs and social demands.

Keywords: Sensitivity. Gender studies. Post-modern critique. Tutorial Education Program.

Referências

- AMÂNCIO, Lígia; CARMO, Isabel do. Vozes insubmissas. Lisboa: Dom Quixote, 2004.
- BAUMAN, Zygmund. Vidas desperdiçadas. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. Campo Científico. In: ORTIZ, Renato. Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983.
- FOUCAULT, Michel. A microfísica do poder. Trad. Roberto Machado. 18 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- FOUCAULT; Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.
- HARDING, Sandra. As instabilidades das categorias analíticas na teoria feminista. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, n. 1, p. 07-32, 1993.
- MILLER, Connie; TREITEL, Corinna. Feminist Research Methods: an annotated bibliography. Bibliographies and indexes in woman studies, n. 1. 1991.
- REINHARZ, Shulamit. Feminist Methods in Social Research. Oxford University Press: New York, 1992.
- RESTREPO, Luis Carlos. O direito à ternura. Tradução de Lúcia M. Endiich Orth. Petrópolis, RJ : Vozes, 1998.
- RICHARDSON, Roberto J. Pesquisa Social: métodos e técnicas. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- RORTY, Richard. A Filosofia e o Espelho da Natureza. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1994.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul/dez, p. 05-22, 1990.
- TRIVIÑOS, Augusto. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1995.